

UMA ANÁLISE RESIDUAL DO CONTO “UMA GALINHA” DE CLARICE LISPECTOR: RESQUÍCIOS DE UM VETUSTO PATRIARCADO

A RESIDUAL ANALYSIS OF THE SHORT STORY “A GALINHA” BY CLARICE LISPECTOR: REMAINS OF NA OLD PATRIARCHY

Juan Ignacio Jurado-Centurión¹

 0000-0002-9880-6170

Enviado em: 19/12/2023

Aceito em: 20/02/2024

Publicado em: 09/11/2024

RESUMO: Publicado em 1960 dentro do livro “Laços de família”, o conto “Uma galinha” junto com as demais histórias que compõem a obra, nos traz um retrato premonitório das lutas pelos direitos das mulheres que marcaram a década de sessenta. Com magistral destreza, na brevidade das três páginas do texto, através de uma narrativa aparentemente corriqueira, a inesperada e insuspeitada fuga de uma galinha que serviria de almoço dominical de uma família brasileira de classe média e os fatos derivados desse efêmero sonho de liberdade da ave, a autora nos leva a pensar que nem tudo é o que parece. Por meio da analogia entre a galinha fugitiva e a tradicional imagem da mulher presa ao lar e às obrigações de uma sufocante sociedade que a posiciona em um papel secundário na denominada família nuclear, o conto revisita lugares comuns dentro de um retrógrado patriarcado que se resiste a sair de cena e se traduz por meio de uma série de arquétipos que desde séculos atrás, de acordo com Jung (2018), se materializam através de determinados padrões de comportamento que residem no inconsciente coletivo e se constituem como resíduos que remanescem de uma época para outra (Pontes, 2017). Na nossa análise, nos detemos nestas formas arquetípicas para observar a crítica que a autora faz da sociedade de seu tempo e o conservadorismo imperante de uma classe que aceitava de bom grado uma discutível polaridade da família, entre o benfeitor que cuida de trazer o pão para o lar e a mulher que, privada de liberdade, é obrigada a permanecer na sua singular “gaiola”.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector. Patriarcado. Família. Resíduo. Arquétipo.

ABSTRACT: Published in 1960 within the book “Laços de Família”, the short story “Uma galinha”, together with the other stories that make up the work, gives us a premonitory portrait of the struggles for women's rights that marked the sixties. With masterful dexterity, in the brevity of the three pages of the text, through an apparently commonplace narrative, the unexpected and unsuspected escape of a chicken that would serve as Sunday lunch for a middle-class Brazilian family and the facts derived from this ephemeral dream of freedom for the bird, the author makes us think that not everything is what it seems. Through the analogy between the runaway chicken and the traditional image of the woman trapped in the home and the obligations of a suffocating society that places her in a secondary role in

¹ Professor da Universidade Federal da Paraíba. Doutor. E-mail: juanig@terra.com.br.

the so-called nuclear family, the story revisits common places within a retrograde patriarchy that resists leave the scene and is translated through a series of archetypes that since centuries ago, according to Jung (2018), materialize through certain patterns of behavior that reside in the collective unconscious and constitute residues that remain from one era to another. another (Pontes, 2017). In our analysis, we focus on these archetypal forms to observe the author's criticism of the society of her time and the prevailing conservatism of a class that willingly accepted a debatable polarity of the family, between the benefactor who takes care of bringing bread to the home and the woman who, deprived of freedom, is forced to remain in her unique "cage".

KEY WORDS: Clarice Lispector. Patriarchy. Family. Residue. Archetype.

Introdução

Publicado pela primeira vez em 1952 e reeditado em 1960 dentro do conjunto de textos que configurou o segundo livro de contos da autora, "Laços de família", "Uma galinha", em pouco tempo se converte em um dos mais celebrados relatos da autora e com o passar dos anos em um dos mais analisados. Quando o conto é editado dentro do livro "Laços de família", o Brasil, país esse que décadas atrás tinha sido escolhido pelos pais de Clarice como terra de adoção, ainda convive com uma das marcas remanescentes do seu passado colonial que se resiste a sair de cena: o patriarcalismo.

O modelo patriarcal, como o próprio nome indica, caracteriza-se por ter como figura central o patriarca, ou seja, o "pai", que é simultaneamente chefe do clã (dos parentes com laços de sangue) e administrador de toda a extensão econômica e de toda influência social que a família exerce. (Fernandes, s/d)

Apesar das ameaças que este patriarcado vem sofrendo desde finais do século XIX, os resquícios dele ainda se mantêm vivos naqueles dias e, como veremos nas próximas páginas, se metamorfoseará ao longo das seguintes décadas até atingir o contexto em que se desenvolve o conto, objeto de análise na nossa reflexão.

Em uma rápida pesquisa na internet, são inúmeras as páginas que apresentam o texto. Outras muitas que trazem uma análise do texto desde as mais diversas perspectivas, ainda que quase todas, como a nossa, privilegiem o tema feminino e, claro, as relações pessoais dentro do seio da família nuclear que preanuncia o título do livro em que nosso conto em questão está contido.

A família nuclear, vai ser durante séculos, desde a chegada dos portugueses no século XVI até o século XX, a grande protagonista da sociedade brasileira: católica, apostólica e romana. Nela cada um dos membros terá seu papel assignado, sem possibilidade de discussão. Cabe ao homem o papel de benfeitor da família, como incumbe a esposa cuidar do lar e aceitar o seu papel secundário nessa associação. Essa caduca estrutura familiar, que na primeira metade do século passado estava vigente,

ainda era o suporte da moral de uma sociedade representada como a massa homogênea que apresentava a unicidade familiar e pouco ou nada se valorizava a individualidade do sujeito. Resultava difícil imaginar como uma “pessoa de bem” poderia atingir esse status sem pertencer a alguma dessas famílias nucleares tão bem estruturadas.

Como já observamos acima, o conto é republicado no início da década dos sessenta e somente quatro anos antes da “revolução” que por mais de vinte anos cuidará, com ferro e fogo, da preservação das boas costumes dentro e fora do lar. A mesma revolução que nos momentos iniciais receberá um forte apoio da família tradicional brasileira. Com o nome de “Marcha da família com Deus pela liberdade”, uma procissão de mulheres se lança em passeata pelas ruas de Rio de Janeiro no dia dois de abril de 1964 com a seguinte proclama:

Mulher carioca, mãe carioca, esposa carioca, irmã carioca. O nosso direito de amar a Deus, a liberdade e a dignidade de nossos maridos, filhos e irmãos estão ameaçados pelos comunistas, primários em seus instintos e brutos em seus sentimentos. (Bahiana, 2014. p. 81)

Essa família, ameaçada pelas hordas marxistas, é a mesma que se filtra pelas páginas do conto que analisaremos a seguir. Como já observamos, são numerosos os trabalhos acadêmicos, blogs ou vídeos, que podem ser encontrados nas redes sociais, que analisam este texto tão pródigo em significantes. Contudo, na nossa contribuição vamos tentar dar um novo olhar a essa narrativa examinando-o desde a perspectiva da Teoria da Residualidade, sistematizada pelo professor Roberto Pontes e alvo nos últimos anos de numerosos trabalhos acadêmicos.

Não vamos entrar novamente, já que são muitos os artigos que se tem debruçado sobre os pormenores desta teoria e nosso limitado número de páginas não nos permite uma extensa abordagem. Contudo, para entender a nossa análise é importante trazer aqui pelo menos a ideia essencial desta teoria, nas palavras de seu próprio sistematizador:

Resíduo, para a Teoria da Residualidade, é o que resta, o que remanesce de um tempo em outro, seja do passado para o presente, seja por antecipação do futuro, de modo que “a cultura consiste numa contínua transfusão de resíduos indispensáveis ao recorte próprio da identidade nacional, qualquer que seja esta” (Pontes, 2017. p. 14).

Essa teoria ainda elenca uma série de conceitos que a acompanham na hora de resgatar esses resíduos que, de modo inconsciente, sobrevivem e remanescem de uma época para outra e que, com o passar do tempo, tem-se polido, cristalizado em um processo constante de endoculturação da qual não podemos escapar.

A endoculturação é, portanto, o processo pelo qual assumimos o que os outros produziram culturalmente, daí não sermos originais na cultura nem na literatura e sermos sempre o que os outros foram. É assim que historicizamos e criamos as supremas obras do artifício humano. (Pontes, 2017.p.17)

Assim, nas próximas páginas, como já observamos previamente, visitaremos a teoria da residualidade e seus conceitos, se for o caso, para analisar os resíduos de um patriarcado, o qual, apesar dos movimentos emancipadores que protagonizaram o século XX ainda remanesca em determinados ambientes na segunda metade da passada centúria, época em que se desenvolve a história do conto.

Durante todo o século XIX, o desenvolvimento do capitalismo e da vida urbana, a ascensão de uma burguesia proveniente da aristocracia agrária, apontavam para o surgimento de uma “nova mentalidade” propiciada pelas novas alternativas de convivência social que “reorganizava as vivências familiares e domésticas do tempo e por que não, a sensibilidade e novas formas de pensar o amor” (D’ Incao, 2004, p. 223). Desenvolve-se uma “nova mulher nas relações da chamada família burguesa, marcada pela valorização da intimidade e da maternidade” (Teno; Salles, 2011).

Como observa Gisela Bock (Apud Duby. 2000), a mulher das classes operárias já tinha assumido há muito tempo, e não por gosto, seu papel dual na sociedade; dona de casa e trabalhadora, muitas vezes nas fábricas, fora do lar e, nem sempre, bem remunerada. Em referência a essa dicotomia laboral entre diferentes classes sociais, a autora observa:

Mientras que para las primeras la reivindicación de un derecho a un ingreso propio por su trabajo solía incluir la consideración de que empleo y maternidad no podían ni debían coexistir —al menos en las primeras etapas de la maternidad—, la mayor parte de las mujeres de clase baja tenían que combinar ambas cosas, no porque lo desearan, sino por necesidad económica. (Bock *apud* Duby, 2000. p. 440)

É, nessa tessitura social, que se desenvolve a história de “Uma galinha”; o lugar da mulher, aqui representada, através da ave de curtos voos, nos diferentes espaços da sociedade e em especial da pertencente à classe média que tem mais arraigado esse conceito de “dona de casa” que cuida do lar, enquanto homem, o benfeitor trabalha fora para cuidar do sustento de todos.

Essa família nuclear e as suas atribuições particulares se estenderá até as últimas décadas do século passado. O mundo ficará surpreendido quando o músico inglês John Lennon, um artista de notoriedade mundial por ter pertencido ao revolucionário grupo The Beatles, decide abandonar em 1975 a sua carreira musical e dedicar-se a cuidar de seu filho recém-nascido e deixar que sua esposa cuide dos negócios da família. Estavam chegando os anos oitenta e os movimentos de emancipação laboral

da mulher, porém o resíduo do passado, o arquétipo atribuído a cada membro do casal ainda vivia no inconsciente coletivo daquela geração.

Entretanto, como veremos a continuação, o conto não somente metaforiza, através da ave, o aspecto mais conservador da família brasileira, senão que, por meio da galinha em fuga retrata os anseios de uma nova geração que sonhava com a liberdade e a mudança social e o revisionismo crítico desse cristalizado rol da mulher no mundo ocidental, sob a forte influência do pensamento cristão.

De forma pioneira, Clarice Lispector antecipa, no contexto brasileiro os desejos e as futuras lutas de uma juventude que durante os anos sessenta mudaram os rumos da humanidade e, claro está, darão um grande impulso na luta pelos direitos das mulheres em muitos aspectos.

Na introdução à edição espanhola dos contos reunidos da escritora, ao se referir a “Laços de família”, o autor observa esse caráter premonitório da obra:

Con su obra, Clarice Lispector se colocó no sólo a la vanguardia de una renovación general en la literatura hecha en esta parte del mundo, sino también con respecto al problema último de la mujer, es decir, el problema de la diferencia que confirma la unicidad compartida del ser humano. Estos Lazos... no siempre son de familia, pero en ellos se destaca el tema de la mujer que es madre y esposa, en sus relaciones sutilmente peligrosas con parientes y amigos, pero sobre todo consigo misma, en una especie de serena evaluación de la forma en que se manifiestan y operan dichas relaciones (Lispector, 2017. p.14).

Nos meandros dessa narrativa que se inicia, como em outros muitos contos da autora, com um fato corriqueiro que em nada nos faz prever o que vem a seguir, o texto nos conduz à cozinha de casa em um domingo qualquer.

Era uma galinha de domingo. Ainda viva porque não passava de nove horas da manhã. Parecia calma. Desde sábado encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para ninguém, ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se adivinharia nela um anseio (Lispector, 1998. p.30).

Para Kadota (1995) a escolha de uma ave como a galinha para representar a mulher não é uma escolha aleatória. A função similar das duas, da mulher e da ave, a reprodução e os cuidados da sua família as convertem em uma imagem perfeita para o objetivo concreto perseguido pela autora. Em outros contos dela, a presença de outros animais como baratas ou vacas serviram para representar diversos episódios da presença feminina no convívio social.

A transferência de qualidades de mãe de família à galinha é efetuada sem subterfúgios, de forma horizontal, pela equivalência de valores a ambas atribuída. Assim, o conto determina a seguinte equação: Galinha = Mãe = mulher. (Kadota, 1995. P.51)

A escritora vai expondo, por meio da sua metaforizada galinha e das relações que estabelece com ela a família, os diferentes arquétipos que vivem de forma inconsciente no coração dessa família nuclear brasileira marcada pela caduca organização patriarcal e a ambivalente mistura entre o alienamento e a conformidade própria de uma sociedade dividida entre a mudança social e reminiscência de outros modos de entender as relações sociais.

Suas personagens, representativas da situação alienada dos indivíduos das grandes cidades, geralmente são tensas e inadaptadas a um mundo repetitivo e inautêntico que as despersonaliza. E os personagens que aparecem em sua obra estão, por outro lado, sempre contestando a linguagem literária padronizada (Lispector, 1981. P;102).

O patriarcado, que divide a nossa personagem, desde o fim do século XIX se vinha modificando até atingir o modelo que vigorará, como já observamos antes, durante grande parte do século seguinte:

A modernização da família brasileira não seguiu os mesmos moldes da formação da classe burguesa em outras sociedades da Europa. O Brasil não sofreu um processo de industrialização tão extenso como os moldes europeus, permanecendo, na certa medida, com um modelo latifundiário e escravocrata. O modo de pensar ainda era patriarcal, mas chegaram ideias da Europa que produziram um processo de “aburguesamento” (Moncorvo, 2008, p.18).

Esse mesmo aburguesamento, que acorda o homem da casa da sua atitude letárgica: O rapaz, porém, era um caçador adormecido (Lispector. 2012), vai-se produzir gradativamente nas últimas décadas do século XIX e as primeiras do XX incentivado principalmente pela mudança de entorno. O êxodo rural para os centros urbanos muda o perfil familiar e elenca novas personagens. Surge a figura da “Mãe-higiênica”. Moderna e responsável pelos filhos, e ao mesmo tempo é livre para o convívio social é para o consumo comercial (Moncorvo, 2018).

A Mãe-higiênica envolvida em um processo de modernização da família e em especial do papel de mulher, deixa atrás velhos hábitos como o aleitamento externo, realizado muitas vezes por escravas e toma o completo cuidado da prole e por extensão dos afazeres domésticos. A função da mulher se “moderniza”, ganha novas atribuições que a limitam ainda mais ao espaço doméstico do lar. Essa evolução da função maternal, que se traduz na mãe-higiênica, se estende também para as filhas e netas. As futuras mães-higiênicas agora são adestradas desde a mais tenra infância na aprendizagem das suas inegociáveis obrigações. Desde pequenas são presenteadas com brinquedos que remetem à criação dos filhos como bonecas ou acessórios para vestir, lavar, pentear entre outros labores ou como pequenos eletrodomésticos que lhe mostram como cuidar adequadamente do seu futuro lar.

E assim começa a história; sob a aparência de uma manhã de domingo cotidiana de família de classe média, daquelas que nos domingos incorporam uma carne especial no cardápio para receber toda a linhagem e dar graças a Deus pela comida no prato. A narrativa nos conduz aos prolegômenos desse ecumênico almoço que dirigido pelo patriarca acontecerá em umas horas e onde tudo está perfeitamente calculado exceto a repentina fuga do prato central da comida. Esse fato inesperado despertou na família instintos básicos que durante muito tempo ficaram no inconsciente e hoje, diante do fato inusitado, acordam para surpresa de todos.

Ao iniciar-se o século XX, introduzem-se novos valores numa sociedade ainda com resquícios escravocratas baseada na exploração agrária. Sobretudo depois da República, a modernização das cidades como o Rio de Janeiro, impõem um padrão europeu de civilização e europeização, materializado nas reformas urbanas do Prefeito Pereira Passos. As distinções entre as elites e os pobres, se acentuam, não se tolera mais a pobreza nos centros urbanos. A rua, “lugar público”, se opõe definitivamente ao espaço privado da família e da casa. As casas se redefinem e refletem a intimidade da família, os limites do convívio, a sala de visitas, os salões (Teno; Salles, 2011).

Nossa metaforizada galinha amanhece recolhida no seu canto na cozinha em silêncio, sem olhar e sem ser olhada como sabendo qual é seu espaço e a atitude que todos esperam dela. Um jeito submisso de quem não tem muito poder de decisão e assume a condição que lhe foi imposta muito séculos atrás. Porém, como já observamos essa forma arquetípica de comportamento entra em crise com o avanço do século XX e a nossa galinha abre as asas e inicia seu atordoado voo a procura de uma liberdade, da qual nem sequer sabe como usufruir. Como o escravo da caverna platônica que se libera das correntes que lhe prendem no interior da gruta e não consegue entender o mundo na sua frente, assim a nossa galinha se sente sozinha no mundo. Sem a proteção de seu entorno e da sua família nuclear ela não encontra o sentido dessa sonhada liberdade. “E então parecia tão livre!”. (Lispector, 1998. p.31)

A metaforizada mulher do nosso conto sente que não está pronta para voar para fora do lar e se sente diminuída por isso: Estúpida, tímida e livre. Ela não é o galo vitorioso que, desde pequeno, é encorajado para usufruir da liberdade fora das quatro paredes do lar e, com o seu espírito aventureiro aprender muito cedo a valorizar a sua individualidade. A nossa galinha não. Ela é somente uma peça do mais do tabuleiro, um peão que facilmente pode ser substituído por outro e a vida continuaria igual. “Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma” (Lispector, 1998. p.31).

Assim, depois da episódica fuga, a nossa galinha pródiga retorna a casa sem ter conhecimento da sua imediata imolação, não como castigo pelo seu inesperado ato e sim porque é o que deve ser feito. É o que se espera dela, a sua função: que proveja a

família de alimento ou ela mesma seja o alimento. É inesperadamente a sua função maternal surge mais uma vez e ela cumpre com o primeiro dos seus deveres e põe um ovo.

Foi então que aconteceu. De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida, exausta. Talvez fosse prematuro. (Lispector, 1998. p.31)

Como já observamos anteriormente, na família nuclear cada um tem seu lugar e a sua função concreta: desde a mãe-higiênica da modernidade até as futuras progenitoras que desde muito cedo são adestradas para o que um dia virá: a maternidade. Assim, nesse precoce preparo, as meninas entendem a importância da sua função reprodutora e da manutenção doméstica da família.

Só a menina estava perto e assistiu a tudo estarrecida.

Mal, porém conseguiu desvencilhar-se do acontecimento, despregou-se do chão e saiu aos gritos:

– Mamãe, mamãe, não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! ela quer o nosso bem! (Lispector, 1998. p.31).

Estrategicamente, a autora, elenca a filha, futura mãe-higiênica, para sentenciar que a galinha não pode morrer pois ela cumpriu com o que se espera dela: a maternidade e a conseguinte manutenção da família, E ela então voltou para seu lugar de origem a cozinha e os fundos da casa como em um moderno gineceu para exercer o ofício mais antigo do mundo: a maternidade. “Mas logo depois, nascida que fora para a maternidade, parecia uma velha mãe habituada”. (Lispector, 1998. p.31)

Um ofício que, como nossa galinha, agora reconhecida como genitora, obriga a muitas mães a renunciarem da sua vida social fora do lar e restringir essa ao âmbito da casa e em especial a aqueles espaços nos quais ela exerce as suas principais funções. Talvez desde seu posto de comando possa rememorar aqueles tempos, aqueles dias de liberdade, nos quais brincando com as suas amigas podia, talvez, sonhar com um destino diferente do que a sociedade lhe tinha assignado de antemão.

Uma vez ou outra, sempre mais raramente, lembrava de novo a galinha que se recortara contra o ar à beira do telhado, prestes a anunciar. Nesses momentos enchia os pulmões com o ar impuro da cozinha e, se fosse dado às fêmeas cantar, ela não cantaria, mas ficaria muito mais contente (Lispector, 1998. p.32).

Essa imagem da mulher que desde o princípio dos tempos e acentuada pelo cristianismo a tinha apelidado duplamente para adaptar-se ao binômio Ave-Eva que ao mesmo tempo a relegou ao papel submisso da mãe protetora e da donzela tentadora (Jung. 2018) que deveria ser tutelada pela presença masculina. A fim de contas uma mulher relegada a uma função muito específica. “Embora nem nesses instantes a expressão de sua vazia cabeça se alterasse. Na fuga, no descanso, quando deu à luz ou

bicando milho – era uma cabeça de galinha, a mesma que fora desenhada no começo dos séculos”. (Lispector, 1998. p.32)

Antes de concluir, é importante observar que não está, entre os nossos objetivos, criticar, de forma negativa ou positiva, uma determinada forma de relacionamento familiar. O nosso intuito nas páginas precedentes foi observar a presença na época em que o texto foi publicado pela primeira vez (1952) e principalmente no momento da sua reedição (1960) de umas marcas remanescentes de um patriarcado que, apesar das lutas e dos avanços no direito das mulheres, da emancipação desta em diversos âmbitos da sociedade. Umas formas arquetípicas que se materializavam em uma série de valores que davam forma a essa família nuclear que se transformava, se modernizava, porém ainda apresentava marcas residuais de uma visão do papel da mulher que nos remetem a um outro tempo que já passou.

Referências

- BAHIANA. Ana Maria. *Almanaque 1964*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras. 2014
- BOCK, Gisela. Apud DUBY, Georges; PERROT. Michelle. *Historia de las mujeres*. Vol. 5: El siglo XX. Madrid: Ed. Taurus. 2000.
- FERNANDES, Cláudio. "Família patriarcal no Brasil"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/familia-patriarcal-no-brasil.htm>. Acesso em 09 de setembro de 2023.
- JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* Vol. 9/1. Editora Vozes Limitada, 2018.
- KADOTA, Neiva Pitta. *A Tessitura dissimulada. O social em Clarice Lispector*. São Paulo: Editora Plêiade. 1995
- LISPECTOR, Clarice. *Cuentos reunidos*. 2ª Edición. Trad. Cristina Pier Rossi, Marcelo Cohen e Mario Morales. Madrid: Editorial Siruela. 2017.
- LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. *Literatura comentada*. Seleção de textos, notas estudo biográfico, histórico e crítico e exercícios por Samira Youseff Campedelli e Benjamin Abdala Jr. São Paulo: Abril educação, 1991.
- MONCORVO. Maria Cecília Ribeiro. *Criando os filhos sozinha: a perspectiva feminina da família monoparental*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: 2008. Disponível em: pg.psi.puc-rio.br/uploads/uploads/1969-12-31/2008_92462dbd3f7b1c41bccbd51be0fac712.pdf Acesso em: 7 de setembro de 2023.
- PONTES, Roberto. A propósito dos conceitos fundamentais da Teoria da Residualidade. In: PONTES, Roberto et al. (Organizadores). *Residualidade e Intertemporalidade*. Curitiba: Editora CRV, 2017.

<https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>

Macapá, v. 14, n. 1, 1º sem., 2024

TENO. Bruna Del Chiaro Nieble, SALLES. Maria do Rosário Rolfsen. Casamento e família no Brasil: breve panorama. 2011. Ed. Digital: <https://www.eumed.net/rev/ccss/11/ntrs.htm#:~:text=A%20década%20de%2060%20costuma,mais%20o%20caráter%20de%20escolha>. Acesso em: 7 de setembro de 2023.